



ILDA MARIA RIBEIRO SOTTANI

CRUZAMENTO VOCABULAR: PROCESSO MARGINAL?

**LAVRAS-MG
2019**

ILDA MARIA RIBEIRO SOTTANI

CRUZAMENTO VOCABULAR: PROCESSO MARGINAL?

Artigo apresentado à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Curso de Letras Português/Inglês, para a obtenção do título de licenciado.

Prof^ª. Dra. Mauriceia Silva de Paula Vieira
Orientadora

**LAVRAS-MG
2019**

Dedico esse trabalho a todos os brasileiros que que não tiveram o privilégio (que eu tive) de estar aqui.

As palavras têm canto e plumagem.

João Guimarães Rosa

CRUZAMENTO VOCABULAR: PROCESSO MARGINAL?

Resumo

Este artigo trata de um dos processos de construção de palavras que mais revelam a criatividade linguística: os cruzamentos vocabulares. O objetivo central é mostrar que esse processo, embora considerado por alguns autores como marginal, irregular e não passível de sistematização, é um fenômeno que existe, está em uso e tem grande aplicabilidade no cotidiano dos usuários da língua, devendo, pois, ser considerado como um processo legítimo de formação de palavras e figurar ao lado dos demais processos nos manuais de Gramática e Morfologia. Para isso, utilizou-se de pesquisa teórica envolvendo os principais autores do tema, tais como: Gonçalves (2003; 2006; 2016), Andrade (2008; 2013; 2016), Basílio (2003) e Rio-Torto(2007;2017), que argumentam em favor dessa legitimidade.

Palavras-chave: Léxico. Derivação. Composição. Cruzamento Vocabular.

Abstract

This article deals with one of the processes of construction of words that most reveal the linguistic creativity: the vocabular crossings. The central objective is to show that this process, although considered by some authors as marginal, irregular and not amenable to systematization, is a phenomenon that exists, is in use and has great applicability in the daily life of users of the language, and should therefore be considered as a legitimate process of word formation and to figure prominently in the manuals of Grammar and Morphology. For this, we used theoretical research involving the main authors of the theme, such as: Gonçalves (2003, 2006, 2016), Andrade (2008, 2013, 2016), Basílio (2003) and Rio-Torto(2007;2017), who argue in favor of this legitimacy

Palavras-chave: Lexicon. Derivation. Composition. Vocabulary crossing.

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO.....	1
2- O LÉXICO E OS PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS.....	3
2.1- LÉXICO.....	3
2.2- DERIVAÇÃO.....	6
2.3- COMPOSIÇÃO.....	9
3- CRUZAMENTO VOCABULAR.....	12
3- CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	17
REFERÊNCIAS.....	19

Introdução

Um dos recursos principais de que as línguas se valem para ampliar o léxico é a formação de palavras a partir de palavras e/ou morfemas preexistentes, tanto em formações institucionalizadas, como em não institucionalizadas. Os processos de formação de palavras desempenham duas funções: a semântica e a sintática, às quais se podem acrescentar a possibilidade de atribuir-lhes uma função discursiva.

Formar palavras para dar nome a seres ou objetos, a fatos culturais novos e a fenômenos da natureza é fato bastante comum da atividade linguística. Nesses casos, seria possível falar em uma função semântica dos processos de formação de palavras. Já quando um processo opera uma mudança de classe de palavra (de verbo para substantivo, ou adjetivo, por exemplo), faz-se presente a função sintática. Entretanto, não se pode negar que muitas palavras formadas na língua atendem às necessidades expressivas. Entra em cena a função discursiva que, para Sandmann (1996, p.27), possui dois aspectos: “a função de expressar aspectos subjetivos do emissor em relação ao conteúdo do que é comunicado e a função de adequação discursiva”.

A criação lexical em português, apesar de ser predominantemente concatenativa, dispõe de um conjunto de processos que não se enquadra nesse tipo de operações morfológicas. A “marginalidade” destes processos (cf. ALVES, 1990) pode atribuir-se quer a baixa frequência da sua utilização quando comparados com a afixação e a composição, quer a algumas das suas características intrínsecas. Trata-se de operações que geram produtos através de mecanismos que não se assentam em princípios de natureza eminentemente morfológica, mas antes de natureza fonológica/prosódica (cruzamento vocabular, truncamento, reduplicação) e/ou gráfica (siglação/acronímia), em que estão envolvidos padrões não lineares de formação. Nos produtos gerados, através destas operações, não são identificáveis constituintes morfológicos encadeados linearmente, pois raramente as bases mantêm integralmente o seu material segmental.

Daí que diversos autores defendam que não se trata de processos de formação de palavras com estatuto morfológico. Esses autores argumentam que essas formações se enquadrariam como processos de derivação e composição. Entre esses processos está o cruzamento vocabular que se constitui como o objeto deste estudo. O objetivo central é argumentar que esse processo, embora considerado por alguns autores como marginal, irregular e não passível de sistematização, é um fenômeno que existe, está em uso e tem grande aplicabilidade no cotidiano dos usuários da língua, devendo, pois, ser considerado

como um processo legítimo de formação de palavras e figurar em lugar de destaque nos manuais de Gramática e Morfologia.

Para alcançar o objetivo proposto, este trabalho está embasado em uma pesquisa teórica, fundamentada prioritariamente em Correia (2012) e Mascuschi (2004) para tratar sobre o léxico; em Correia (2012) e Villalva (2003) para abordar a derivação; em Antunes (2012) e Villava (2003) para discutir sobre a composição e em Gonçalves (2003; 2006; 2016), Andrade (2008; 2013; 2016), Basílio (2003;2010) e Rio-Torto (2007; 2017) para tratar sobre o cruzamento vocabular. A proposta desse estudo é argumentar a favor do reconhecimento do cruzamento vocabular como um processo legítimo e da sua colocação entre os principais processos de formação de palavras

Difícilmente os cruzamentos são estudados como um processo de formação de palavras e, algumas vezes, são analisados como se fossem um caso de composição por aglutinação. Trata-se, entretanto, de um processo diferente em que unidades lexicais se mesclam formando outra unidade, sem, entretanto, manterem, obrigatoriamente seus radicais. Há casos em que se mantêm a parte inicial de uma unidade e a parte final de outra (portunhol), há casos em que uma unidade mantém sua integridade morfofonológica e a outra sofre uma ruptura (showmício), e há casos em que uma unidade adentra-se na outra (chafé, lixeratura, namorido), havendo entre elas uma interseção lexical.

Nesse processo ocorre, portanto, mais do que uma aglutinação, uma união morfofonológica impulsionada e motivada pelo resultado semântico. A criação lexical por cruzamento é sempre intencional, os produtos “não são formações inocentes” (BASÍLIO 2003, p. 129). A função expressiva deste processo de formação é um dos seus elementos caracterizadores. Seus produtos estão presentes no cotidiano das pessoas, nos discursos orais ou escritos, no âmbito jornalístico, literário, publicitário, político e humorístico.

De posse dos conteúdos teóricos que envolvem a polêmica cruzamento vocabular versus derivação e composição, é possível afirmar que o cruzamento tem status próprio e a construção de itens lexicais por esse processo se justifica mediante sua comprovada aplicabilidade no cotidiano dos usuários da língua e que é um legítimo processo de formação de palavras, devendo figurar em lugar de destaque entre os principais processos de inovação lexical.

O trabalho está organizado em três partes. A primeira traz considerações sobre o léxico e a capacidade de inovação lexical na língua; a segunda aborda sobre a derivação e a composição, bem como suas respectivas propriedades. A terceira parte focaliza a questão do

cruzamento vocabular, seus conceitos, propriedades e procura acentuar a posição de autores em relação à sua legitimidade como processo autônomo de formação de palavras.

1. O LÉXICO E OS PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS

Nesta seção, discute-se o conceito de léxico, bem como os processos de formação de palavras, tais como a derivação e a composição, uma vez que tais conceitos são relevantes para a compreensão sobre o cruzamento vocabular.

1.1- LÉXICO

É a partir da palavra que as entidades da realidade podem ser identificadas e nomeadas pelos seres humanos. A designação e a nomeação dessas realidades criam um universo significativo revelado pela linguagem e, nesse sentido, compreender sobre o léxico de uma língua é de fundamental relevância. O léxico de uma língua pode ser visto como o amplo repertório de palavras de uma língua ou o conjunto de itens à disposição dos falantes para atender às suas necessidades de comunicação. Para Biderman (2006), léxico é a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo de sua cultura através das idades.

Essa atividade de nomear as entidades do mundo resulta do processo de categorização. Por sua vez, a categorização fundamenta-se na capacidade de discriminação de traços distintivos entre os referentes percebidos ou apreendidos pelo aparato sensitivo e cognitivo do homem. A esse processo segue-se o ato de nomear. Por essa razão, a categorização é o processo em que se baseia a semântica de uma língua natural, por meio do qual o homem desenvolveu a capacidade de associar palavras a conceitos.

O léxico de uma língua constitui, portanto, uma forma de registrar o conhecimento do universo. Ao dar nomes às entidades perceptíveis e apreendidas no universo cognoscível, o homem as classifica simultaneamente. Assim, a nomeação da realidade pode ser considerada como a etapa primeira no percurso científico do espírito humano de conhecimento do universo. Ao identificar semelhanças e, inversamente, discriminar os traços distintivos que individualizam estes referentes em entidades distintas, o homem foi estruturando o conhecimento do mundo que o cerca, dando nomes (palavras e termos) a essas entidades discriminadas. É esse processo de nomeação que gerou e gera o léxico das línguas naturais.

Por outro lado, e inversamente, esse processo está indissolavelmente associado à cultura com que se conjuga uma língua natural. Daí, resultam as disparidades vocabulares que

opõem, muitas vezes, variedades de uma mesma língua como muito bem ilustram os evidentes contrastes entre o português do Brasil e o português europeu, sobretudo com respeito às terminologias técnico-científicas.

A explosão do léxico nas modernas culturas e civilizações gera uma contínua criação de neologismos designadores de novos conceitos que se vão formando e criando. À medida que fabrica novas realidades, o homem cria novas palavras em um processo incessante. E o léxico vai assumindo dimensões gigantescas sendo praticamente impossível registrá-lo e descrevê-lo por meio de um dicionário.

Antunes (2012, p.27) afirma que o léxico, ao lado da gramática e mais especificamente junto à morfossintaxe e à fonologia, constitui o outro grande componente da língua e que “se é verdade que não existe língua sem gramática é mais verdade ainda que sem léxico não há linguagem”. As palavras são a matéria-prima com que construímos nossas ações de linguagem. Marcuschi (2004) afirma que juntamente com a sintaxe e a fonologia, o léxico é parte fundamental da língua, mas enquanto as outras duas partes são regidas por um número limitado de regras e combinações, o léxico ultrapassa todas as tentativas de definição e classificação. Para ele, o léxico é o nível da realização linguística tido como o mais instável, irregular e até certo ponto incontrolável.

Frequentemente, as gramáticas e textos teóricos apresentam o léxico como um número finito de unidades, ao contrário das frases de uma língua, razão pela qual existem dicionários de palavras e não existem dicionários de frases. Entretanto essa consideração se revela inadequada, posto que se refere ao vocabulário de palavras atestadas que se constitui num “conjunto factual fechado de todos os vocábulos atestados num determinado registro linguístico, isto é, o conjunto fechado de todas as palavras que ocorreram de fato nesse discurso” (CORREIA, 2012, p.15).

O léxico pode ser definido, segundo (CORREIA,2012, p.15), como:

o conjunto virtual de todas as palavras de uma língua, isto é, o conjunto de todas as palavras da língua, as neológicas e as que caíram em desuso, as atestadas e aquelas que são possíveis tendo em conta os processos de construção de palavras disponíveis na língua.

Uma das características universais da linguagem humana é a mudança. Qualquer língua é caracterizada pela mudança e pela inovação. Todas as línguas evoluem necessariamente ao longo do tempo e a ausência de evolução significa para elas a sua morte. Essa característica é mais evidente no léxico, uma vez que o léxico é um fenômeno permanente e a inovação lexical é um recurso das línguas para sua continuidade, configurando-se, portanto, como prova da vitalidade da língua.

Da competência lexical do usuário de uma língua faz parte tanto a capacidade de formar e entender palavras novas como a de atribuir estrutura às palavras já integrantes do léxico. Podemos, portanto, admitir um inter-relacionamento entre as regras de formação de palavras (RFP) - regras utilizadas na produção de novos itens lexicais e as regras de análise da estrutura das palavras (RAE) - regras que possibilitam ao falante analisar as estruturas que formam os vocábulos. Essa interação se confirma quando acontecem formações novas. (SANDMANN, 1990)

Marcuschi (2004, p. 263) afirma que não se pode “imaginar que a língua seja um simples, acabado e eficiente instrumento *a priori* para representar um mundo que tampouco está aí pronto, discreto e mobiliado”. Para ele, a língua é uma ação entre sujeitos e não uma relação entre pessoas e coisas. Nessa concepção, as categorias usadas para nomear não são uma simples relação convencional, elas são uma relação socio-histórica e se pautam em uma negociação entre os sujeitos. A referência não tem um único significado, ela é uma construção de sentido por meio da interação. Cada item lexical não está preso a um item do mundo.

Na visão de Marcuschi (2004), a língua não é um sistema pronto para nomear um mundo pronto, logo, é necessário que os sujeitos reflitam sobre os processos interacionais realizados durante a referenciação/nomeação, feita no diálogo e no comum acordo entre os interlocutores. Os itens lexicais e suas categorias não são simplesmente etiquetas para seres e objetos do mundo, elas trazem, sim, uma identificação semântica, mas não se resumem a ela. É a interação dos sujeitos, dentro do contexto social, que possibilita a referenciação, criando assim objetos de discurso e não apenas nomeando seres, coisas ou acontecimentos do mundo real.

Na esteira de um mundo em constante evolução também a língua evolui. Em relação ao léxico, essa evolução se traduz na criação de novas palavras pelos falantes para atender às suas necessidades de comunicação, os neologismos.

Correia (2012, p.22) define neologismo como “uma unidade lexical cuja forma significante ou cuja relação significado-significante, caracterizada por um funcionamento efetivo num determinado modelo de comunicação, não se tinha realizado no estágio imediatamente anterior do código da língua.” Dessa definição decorre que os neologismos podem constituir palavras formalmente novas, palavras preexistentes que adquirem um novo significado, ou, ainda, palavras que passam a ocorrer em registros linguísticos nos quais não costumavam ocorrer.

Uma das características da linguagem humana é o fato de todas as línguas possuírem mecanismos capazes de gerar novas palavras e também o português possui a capacidade e os

meios para a construção de palavras. Dentre os processos utilizados pelo português para a ampliação de seu léxico os mais comuns são a composição e a derivação e, segundo Alves (1987) são sempre citados pelos gramáticos como mecanismos intrínsecos, isto é, constituem recursos provenientes da própria língua para a expansão lexical. Além desses processos, a língua portuguesa emprega também outros recursos, ainda que esporadicamente: formações onomatopaicas e acronímicas, siglagem, reduplicação, hibridismo, amálgamas e criações ex-nihilo.

Os processos de derivação e composição estão na base de toda discussão sobre o cruzamento vocabular, tanto pelos que defendem o cruzamento como um processo autônomo de formação de palavras, quanto por aqueles que o interpretam como arbitrário e não suscetível de formalização, motivo pelo qual se faz necessário retomar sobre os processos básicos de derivação e de composição.

1.2- DERIVAÇÃO

A derivação é o processo de inovação lexical mais produtivo em português, sendo, ao mesmo tempo, o mais regular (Correia, 2012). Tal fato verifica-se não só na quantidade de palavras registradas nos dicionários que são palavras derivadas, como ainda, na possibilidade de construir novas palavras por derivação.

Os processos de derivação são: a derivação afixal, que é a mais típica de todas, a derivação não afixal ou conversão, em que não intervêm quaisquer afixos, ocorrendo apenas uma mudança categorial do radical e a derivação parassintética.

A derivação afixal é o processo de construção de palavras por meio do qual se obtém um derivado pela junção de um afixo a um radical. É um processo basicamente binário: em cada processo derivacional intervêm apenas uma base e afixo e seus principais tipos são a sufixação e a prefixação.

A sufixação atualiza, segundo Correia (2012, p.47) os seguintes processos em português:

- Verbalização
 - denominal (bala→baleiar, hospital→hospitalar, alvor→alvorecer)
 - deadjetival (real→realizar, escuro→escurecer)
 - deverbal (saltar→saltitar)
- Nominalização
 - deverbal (realizar→realização, secar→secagem)

- deadjetival (íntegro→integridade, católico→catolicismo)
- denominal (pastel→pastelaria, rapaz→rapazola)
- Adjetivação
 - denominal (morfologia→morfológico, mulher→mulherengo)
 - deverbal(atuar→atuante, discutir→discutível)
 - deadjetival (pequeno→pequenino, bonito→bonitinho)
- Adverbialização
 - deadjetival(feliz→felizmente, calma→calmamente)

Por sua vez, a prefixação, de acordo com Correia (2012, p.49) pode ser de:

- Negação/privação/oposição: *infeliz, não alinhado, desfazer, acéfalo, anti-imperialista, contramanifestação*
- Localização espaço-temporal: *antecâmara, pré-natal, pós-doutoramento, subsolo, sobreloja*
- Quantificação/intensificação/avaliação: *hipotensão, hipertensão, bimotor, microssegundo, nanocápsula, tetraplégico, superinteressante, megaconcerto.*

Para Correia (2012), a derivação não afixal ou conversão é um tipo de derivação que tem a particularidade de não introduzir qualquer distinção formal entre a base e o derivado, não implica a intervenção de afixos; um radical de base, portador de uma determinada categoria morfossintática, muda a sua categoria com a correspondente mudança de significado e de padrão flexional. Pode ser a derivação imprópria e a derivação regressiva.

A conversão ou derivação imprópria ocorre quando há uma mudança de classe gramatical de uma palavra primitiva sem alterar sua forma.

Complementando o exposto, Villalva (2003, p. 952-953) esclarece que os processos de conversão mais frequentes em português são:

- Nomalização deadjetival: um adjetivo nominaliza-se.

Exemplos:

Laranja (fruta)→laranja (agente que faz operações fraudulentas por ordem de terceiros).

Pelada (mulher nua)→pelada (jogo de futebol ligeiro)

Português (indivíduo natural de Portugal)→português (língua própria de Portugal)

- Adjetivação denominal: um substantivo adjetiva-se.

Exemplos: burro (animal)→burro (estúpido)

Rosa (flor)→rosa (cor)

- Adverbialização deadjetival: um adjetivo passa a advérbio.

Exemplos: O Pedro começou a falar alto.

Joana segurou forte no braço do filho

A derivação regressiva ocorre quando a palavra nova é formada pela redução da primitiva. Forma principalmente substantivos a partir de verbos. São os substantivos deverbais.

Exemplos:

cortar→corte

fugir→fuga

tocar→toque

Na derivação é possível também formar substantivos a partir de outros substantivos.

Exemplos:

Boteco (de botequim)

Comuna (de comunista)

Mengo (de Flamengo)

Por sua vez, a derivação parassintética é o processo de derivação pelo qual é acrescentado um prefixo e um sufixo simultaneamente ao radical (circunfixação). É particularmente frequente na formação de verbos de adjectivais ou denominais, embora também se verifiquem alguns casos de adjectivalização.

Exemplos: em+ [fracu] + ecer = enfraquecer

es+ [braç]+ejar = esbraçar

en+ [son]+ ado + ensonado

O segundo processo de formação de palavra mais produtivo na língua portuguesa é a composição e é na sua relação com o cruzamento vocabular que alguns teóricos de morfologia discutem a validade desse como processo legítimo de formação de palavras, classificando suas formações como composição ou subtipos de composição.

1.3- COMPOSIÇÃO

Na composição, a formação de uma nova palavra ocorre a partir da junção de duas ou mais palavras simples ou radicais. Formam-se assim palavras compostas com significação própria. Segundo Andrade (2016), o composto apresenta sempre uma unidade de significação na qual um dos elementos não pode ser suprimido, e, na maioria das vezes, não é possível permuta de posição de seus constituintes se que com isso o significado se altere.

Os compostos compreendem, de acordo com Lee (1997), duas classes: endocêntricos e exocêntricos. Os primeiros são aqueles que apresentam um novo significado relacionado, com maior ou menor nitidez, ao significado de pelo menos uma das bases envolvidas (p.ex. ‘guarda-chuva’ e ‘paraquedas’). Por outro lado, os exocêntricos evocam novos sentidos por transferência metafórica ou metonímica: ‘copo-de-leite’(tipo de flor); ‘maria-mole’(doce) etc.

Na composição pode-se distinguir basicamente dois processos: a composição morfológica e a composição morfossintática.

A composição morfológica, segundo Correia (2012), consiste na construção de palavras compostas a partir de unidades infralexicaais de significado lexical, unidades não autônomas. Essas unidades são, geralmente, de raízes gregas e latinas já adaptadas ao sistema fonológico do português. Na construção de compostos morfológicos intervém, frequentemente, uma vogal de ligação, *o* ou *i*. O segundo elemento da composição morfológica pode, também, ser uma palavra autônoma, como nos exemplos (c) e (d) abaixo.

- (a) psic + o + log(o) → psicólogo
- (b) arbor + i + cola → arborícola
- (c) agr + i + cultura → agricultura
- (d) tele + comunicações → telecomunicações

Em consonância com a definição da autora, Villalva (2003, p. 971) define composição morfológica como um processo de formação de palavras que “procede à concatenação de radicais” por intermédio de uma vogal de ligação, podendo dar origem a uma estrutura de modificação, por uma adjunção à esquerda, ou à uma estrutura coordenada, por conjunção (adjunção simétrica).

Por sua vez, a composição morfossintática é, segundo Villalva (2003, p. 971), um “processo híbrido de formação de palavras, no qual se conjugam propriedades das estruturas sintáticas e propriedades das estruturas morfológicas”.

Tal como os compostos morfológicos são estruturas formadas por um mínimo de duas variáveis, mas, contrariamente aos primeiros, nesse tipo de compostos as variáveis são

palavras que integram expressões sintáticas, por justaposição ou aglutinação e podem ser do tipo N+N, N+V e V+V.

Os compostos de estrutura N+N são aqueles itens lexicais que apresentam dois itens nominais (N+N, N+A, A+A) formando uma unidade semântica e sintática. Segundo Villalva (2003) esses compostos podem ser de adjunção, de conjunção e de reanálise.

Os compostos formados por adjunção são constituídos por dois nomes (N+N) com núcleo inicial à esquerda, o que se pode inferir a partir da observação do seu comportamento no que diz respeito à realização dos contrastes de gênero e da flexão em número, como vemos nesses exemplos apontados em Villalva (2003)

- aluno-modelo aluna-modelo
- homem-aranha mulher-aranha
- bomba-relógio bombas-relógio
- crocodilo-fêmea crocodilos-fêmea
- crocodilo-macho crocodilos-macho

O constituinte da direita é um modificador nominal, pelo que a estrutura destes compostos é uma estrutura de adjunção que envolve, exclusivamente, unidades lexicais e gera uma nova unidade lexical.

Os compostos que têm uma estrutura de conjunção são do tipo N+N ou N+A dando origem a nomes ou adjetivos:

- surdo-mudo
- rádio-gravador

O comportamento morfológico destas formas não permite identificar nenhum dos seus constituintes como núcleo de toda a estrutura. No que diz respeito à flexão em número, verifica-se que todos os constituintes devem exibir idêntico valor:

- surdo-mudo surdos-mudos
- rádio-gravador rádios-gravadores

Quanto ao gênero os valores dos adjetivos são obrigatoriamente concordantes, exceto quando algum deles é invariável:

- surdo-mudo surda-muda
- trabalhador-estudante trabalhadora-estudante

A composição pode, ainda, manifestar-se por meio da justaposição e da aglutinação, conforme discute-se a seguir:

1.3.1- JUSTAPOSIÇÃO: Ocorre composição por justaposição quando não há alteração das palavras formadoras. Ocorre apenas a junção de duas ou mais palavras simples ou radicais, que mantêm a mesma ortográfica e acentuação que apresentavam antes do processo de composição.

Exemplos: passatempo(V+N)

Surdo-mudo(N+N)

Vaivém(V+V)

1.3.2 - AGLUTINAÇÃO – Ocorre composição por aglutinação quando há alteração das palavras formadoras. Ocorre a fusão de duas ou mais palavras simples ou radicais, havendo supressão de fonemas. Os elementos formadores perdem, assim, a sua identidade ortográfica e fonológica porque a nova palavra composta apresenta apenas um acento tônico. Com a aglutinação do morfema lexical, a palavra resultante passa a apresentar um aspecto semântico distinto, produzindo um novo significado na estrutura textual.

Exemplos: planalto (plano+alto)

Aguardente (água+ardente)

Embora (em+boa+hora)

Derivação e composição são, sem dúvida, processos de grande produtividade que possibilitam o enriquecimento do léxico por suas propriedades de criação de palavras, sendo, inclusive, eleitos pela maioria dos estudiosos de morfologia como objetos de sua atenção. O cruzamento vocabular é tido, por muitos, como um processo marginal que transita entre a derivação e a composição. Contudo, autores há que defendem sua posição em mesmo nível de importância desses processos. Para embasar essas posições, a próxima seção discute sobre o cruzamento vocabular.

2- CRUZAMENTO VOCABULAR

No âmbito dos estudos morfológicos concernentes aos processos de formação de palavras, grande parte dos manuais de Morfologia se detém apenas em dois processos de formação de palavras: a composição e a derivação. Outros processos marcados pela não-linearidade, como os cruzamentos vocabulares, são considerados marginais e “interpretados como irregulares pela maior parte dos estudiosos que lhes dedicaram alguma atenção” (GONÇALVES, 2006, p.220), não se incluindo, portanto, nos processos descritos pela Gramática Tradicional.

Difícilmente, os cruzamentos são estudados como um processo de formação de palavras e, algumas vezes, são analisados como se fossem um caso de composição por aglutinação. Como em outras línguas, o português também faz uso de processos não-concatenativos¹ para ampliar seu vocabulário ou expressar carga emocional variada. Gonçalves (2004), propõe que essas operações morfológicas sejam distribuídas em 3 grupos a saber: (i) processo de Afixação não linear (Reduplicação), (ii) processos de Encurtamento (Truncamento e Hipocorização) e (iii) processos de Fusão (Mesclagem lexical e Siglagem).

Esses processos não são descritos de forma sistemática e são interpretados por alguns autores que lhes dedicaram alguma atenção como “limitados” (CARONE, 1989), “anômalos” (KHEDI, 1987), “imprevisíveis” (SANDMANN, 1990), “marginais”(ALVES, 1990) e “deformacionais”(CORREIA, 2012). Segundo Gonçalves (2006), por trás desses rótulos, a literatura interpreta esses processos como arbitrários e não suscetíveis de formalização.

Um desses processos é o cruzamento vocabular (SANDMANN, 1990) também chamado de Palavras-valise (ALVES, 1990), Blend lexical (GONÇALVES, 2003), Fusão vocabular (BASÍLIO, 2003), Mesclas lexicais (ANDRADE, 2008), Portmanteau (ARAÚJO,2000), entre outros.

Rio-Torto (2007, p.37) aborda este tipo de construção e denomina-o *cruzamento* ou *blending*, definindo-o como “intersecção de duas unidades lexicais, com supressão de alguns

¹ Processos concatenativos são aqueles que produzem vocábulos por encadeamento das bases, numa estrutura linear, predominantemente aglutinante. Flexão(felizes), Sufixação(pagod-eiro), Prefixação(in-certo), Composição(puxa-saco) e Parassíntese(des-alm-ado) são processos que se manifestam pela concatenação de afixos ou de radicais, de modo que há condições ótimas para a isolabilidade de morfemas, o que não acontece com processos não-concatenativos em que ocorre intersecção de palavras, como na Reduplicação(Fátima.fafá, pula-pula), Hipocorização(Marimar >Mar Raquel >Quel,), Truncamento(delegado>delega, cerveja>cerva), Mesclagem(saco+picolé>sacolé, chá+café>chafé) e Siglagem(CUT, CPF), sendo impossível identificar os constituintes morfológicos.

de seus segmentos constituintes, normalmente os que se apresentam contíguos na zona medial do novo produto”.

Para Andrade (2016, p.34), o cruzamento vocabular pode ser definido como a “junção de duas palavras existentes para formar uma palavra nova, com supressão de material segmental de pelo menos uma delas e, em certos casos, sobreposição de segmentos”, como se pode observar nos exemplos (1) e (2), citados pela autora:

- (1) brasiguaio (brasileiro + paraguaio)
diciopédia (dicionário + enciclopédia)
fabulástico (fabuloso + fantástico)
portunhol (português + espanhol)

- (2) apertamento (aperto + apartamento)
analfabruto (analfabeto + bruto)
meretríssimo (meretriz + meritíssimo)
pilantrópia (pilantra + filantropia)

O cruzamento vocabular é recorrente em várias línguas. Araújo (2000) afirma que as características do cruzamento vocabular tanto em português, quanto em inglês, espanhol ou hebraico são basicamente as mesmas. Isso desautoriza qualquer suposição que aloca esses compostos em lugares especiais da morfologia. Se os cruzamentos vocabulares são produtivos, regulares e regidos pelas mesmas restrições em várias línguas do mundo, logo eles possuem, ou uma gramática própria ou, pelo menos, a mesma gramática que restringe os processos de composição, reivindicando, assim, um lugar na teoria morfológica.

No português, o cruzamento vocabular é um processo de formação de palavras bastante produtivo, resultando em vocábulos amplamente utilizados, presentes em diversas situações comunicativas, a exemplo de *chafé*, *namorido*, *burrocracia*, sendo alguns deles já dicionarizados como *futevôlei*, *sacolé*, *portunhol*, e outros, e inclusive, presentes na literatura como *enxadachim*, *ensimesmundo*, *agradádiva*, *embriagatinhar* ou *esquivançando*.

Embora alguns autores defendam que os cruzamentos vocabulares sejam classificados como composição ou subtipos de composição: Sandmann (1990), Henriques (2007), Bechara (2006), Khedi (1987), Basílio (2003) entre outros, Gonçalves (2006) assinala que as mesclas são caracterizadas pela interseção de palavras, de modo que é impossível recuperar, através de

processos fonológicos como crase, elisão e haplologia, as sequências perdidas² e que, a despeito das similaridades morfossemânticas, há uma diferença crucial entre blends e compostos: nos compostos regulares, cada um dos formativos projeta sua própria palavra prosódica, enquanto nos blends os dois formativos levam a uma só, como se vê em ‘selemengo’ (o Flamengo, time de futebol carioca, comparado à seleção brasileira), ‘cariúcho’ (gaúcho que vive muito tempo no Rio e já se considera carioca) e ‘showmício’ (comício com apresentação de shows musicais).

Para tentar estabelecer as regularidades que atuam na criação dos cruzamentos vocabulares, Andrade (2013) leva em conta a relação de fatores morfológicos e prosódicos e conclui que o processo de formação das mesclas lexicais se dá por três tipos de formação: por interposição, por combinação truncada e por substituição sublexical. Afirma que o primeiro tipo, a interposição lexical, é responsável pela maioria das formações mescladas, pois, conforme Gonçalves (2006), 80% dos cruzamentos vocabulares do português brasileiro são caracterizados pelo aproveitamento de pelo menos um segmento comum às palavras matrizes.

Esse tipo de mescla resulta da interposição de duas bases que compartilham material fonológico, sejam sílabas, rimas ou até mesmo porções fônicas sem status próprio, as quais se fundem de tal modo que estabelecem, no nível da forma cruzada, relações de correspondência de um-para-muitos entre os constituintes das formas de base e da forma resultante. A maior ou menor quantidade de material compartilhado está diretamente relacionada ao grau de semelhança fônica entre as palavras-fonte. Participam desse processo palavras como namorido (< namorado + marido), apertamento (< aperto + apartamento), burrocracia (< burro + burocracia) etc.

Quanto ao segundo tipo de cruzamento, por combinação truncada, que responde por formas mais isoladas na língua, Andrade (2013) recorre novamente à Gonçalves (2006, p.225) que afirma: “Esse processo, que se assemelha, bem mais que o primeiro, à composição, não necessariamente envolve o compartilhamento de material fonológico.” Nesses casos, se as formas de base são do mesmo tamanho, ocorre fragmentação em ambas: chocotone (< chocolate + panetone); caso contrário, a maior sofre truncamento e a menor, sem perder massa fônica, se concatena inteiramente a maior: forrogode (< forró + pagode).

² Elisão: Supressão oral ou gráfica da vogal átona final de uma palavra quando a seguinte inicia por vogal ou por h seguido de vogal, como em outrora, de outra hora e pingo d’água, de pingo de água.

- Haplologia: fenômeno fonético que consiste na supressão de uma sílaba quando na mesma palavra aparecem seguidas duas sílabas iniciadas pela mesma consoante como em: tragicômico de trágico+cômico e bondoso de bondade+oso.

O terceiro mecanismo, o de substituição lexical, responsável por formações mais raras, é o processo pelo qual a sequência de uma dada palavra é reinterpretada e substituída por outra, ou seja, um fragmento da base é promovido à condição de radical, a exemplo de “comemorar”, em que a primeira parte da palavra é reinterpretada, como se tivesse um elemento comum a “comer”, podendo, assim, ser oposta a “beber”. Tem-se então, como resultado, a formação analógica “bebemorar” para designar, expressivamente, uma situação de festejo regado a muita bebida. Ao interpretar esse novo vocábulo, o ouvinte acessa o significado das duas formas “concorrentes” para alcançar o objetivo comunicativo pretendido.

Gonçalves (2003) faz, ainda, distinção entre blend, composição e formações analógicas. Opõe-se à visão de Sandmann (1990), que afirma serem os cruzamentos vocabulares um tipo de composição. Para Gonçalves, os cruzamentos vocabulares, chamados por ele de blends, são econômicos porque tendem a preservar a estrutura das bases prosódica e segmentalmente. Essas construções permitem a vinculação de certos segmentos a mais de um morfema, garantindo o maior número possível de relações entre formas linguísticas. Analisando a estrutura interna desses cruzamentos, o autor defende que há várias diferenças entre composição e blend, já que, na primeira, há um processo morfológico aglutinativo, enquanto, no segundo, ocorre uma operação não-concatenativa. A afirmativa de que sempre haveria um processo morfológico aglutinativo na composição só se justificaria se o autor estivesse tomando por base de comparação somente a composição por aglutinação.

Ainda em Gonçalves (2003, p.19), há a afirmação de que, embora o cruzamento vocabular pareça um processo arbitrário, suas bases se combinam aleatoriamente. Por isso, Gonçalves defende que se trata de um processo regular e passível de sistematização, visto estar subordinado a condições prosódicas, sendo “regido, sobretudo, pela semelhança fônica entre as bases”.

Em defesa do cruzamento vocabular como fenômeno autônomo, Andrade & Rondinini (2016, p.879) defendem que a mesclagem lexical

é um processo de formação de palavras que acessa informações fonológicas, como (a) a posição do acento de P1 e P2, (b) o grau de semelhança fônica entre as bases e (c) a natureza estrutural da sequência compartilhada pelas formas a combinar. Por esses motivos, deve ser vista não como um caso de substituição sublexical, como as criações analógicas, mas como uma fusão que leva à concatenação não-linear de bases, o que faz com que essa operação se diferencie da composição, cuja ligação sempre se dá por encadeamento, seja ele por justaposição (‘babaovo’, bajulador) ou por aglutinação (‘aguardente’, tipo de bebida).

Complementando o exposto, Andrade (2013) esclarece que os constituintes dos cruzamentos vocabulares, ao contrário da composição, não são morfemas plenos, mas partes de lexemas, como em “crentino” (‘crente’ + ‘cretino’ = “religioso falso”), “lixeratura” (‘lixo’ + ‘literatura’ = “literatura de má qualidade”) e “aborrescente” (‘adolescente’ + ‘aborrece’ = “adolescente que aborrece”). Para a autora, blends são menos transparentes que compostos e tendem a ser utilizados para chamar a atenção em textos publicitários, jornalísticos e literários, tendo, por isso mesmo, curta duração, em decorrência de sua efemeridade. São bastante populares por causa de sua criatividade.

Andrade (2016) ressalta a importância dos cruzamentos lexicais e sua função discursiva e concorda com Sandmann (1990, p.59) que afirma o “traço que caracteriza muitos cruzamentos vocabulares é a sua especificidade semântica, isto é, eles vêm muitas vezes carregados de emocionalidade, sendo que esta é depreciativa, às mais das vezes, e com pitadas de ironia” e com Basílio (2003, p.2) para quem a “pejoratividade é, sem dúvida, o caso por excelência da expressão subjetiva do falante”. Entretanto, Andrade pondera que, ao lado da grande maioria de mesclas lexicais que expressam atitudes pejorativas do falante (p. ex. “*lixeratura* < lixo+ literatura”, “*cariúcho* < carioca + gaúcho”) existem outras formações que indicam posição neutra (“*toboágua* < tobogã + água”, “*framburguer* < frango + hambúrguer”) e outras ainda que carregam um sentido positivo (“*chocolícia* < chocolate + delícia”, “*deliçoca* < delícia + paçoca). Desse modo, Andrade (2016) conclui que, em geral, os cruzamentos vocabulares funcionam como expressões indicativas de intenções, sentimentos e atitudes do falante em relação ao seu discurso.

A partir das discussões anteriores, postula-se, portanto, que o cruzamento vocabular, embora considerado por alguns autores como marginal, irregular e não passível de sistematização, é um fenômeno que existe, está em uso e tem grande aplicabilidade no cotidiano dos usuários da língua, devendo, pois, ser considerado como um processo legítimo de formação de palavras e figurar ao lado dos demais processos nos manuais de Gramática e Morfologia.

Considerações finais

Como é sabido, é ao nível lexical que a língua acompanha, mais extensa e profundamente, as mudanças que se operam fora dela, seja em que campo for. A explosão do léxico nas modernas culturas e civilizações gera uma contínua criação de neologismos designadores de novos conceitos que se vão formando e criando. À medida que fabrica novas realidades, o homem cria novas palavras em um processo incessante.

Neste sentido, é no léxico onde primeiramente o sujeito percebe essas mudanças do extralinguístico, pois é por ele que elas chegam.

No Português, a maior produtividade lexical fica por conta dos processos concatenativos, especialmente a derivação e a composição. Entretanto, a inovação lexical se dá também por outros processos que, embora não sejam tão produtivos, geram novos itens que se incorporam ao vocabulário. São processos marcados pela não-linearidade que se assentam em princípios de natureza fonológica/prosódica (cruzamento vocabular, truncação, reduplicação) e/ou gráfica (siglação/acronímia), em que estão envolvidos padrões não lineares de formação. Esses processos são considerados marginais e “interpretados como irregulares pela maior parte dos estudiosos que lhes dedicaram alguma atenção” (GONÇALVES, 2006, p.220), sendo relegados a segundo plano nos manuais de Gramática e Morfologia.

O cruzamento vocabular é um processo que consiste, em linhas gerais, em um processo de formação que se utiliza de duas bases para formar uma nova palavra, e cujo significado se difere do das bases aproveitadas. É um processo de formação de palavras bastante produtivo, resultando em vocábulos amplamente utilizados, presentes em diversas situações comunicativas, a exemplo de *chafé*, *namorido*, *burrocracia*, sendo alguns deles já dicionarizados como *futevôlei*, *sacolé*, *portunhol*, *cibernauta*, *informática* e outros, e inclusive, presentes na literatura como *enxadachim*, *ensimesmundo*, *agradádiva*, *embriagatilhar* ou *esquivançando*.

Entretanto, esse processo é tido por alguns autores como um processo irregular e arbitrário de formação de palavras, em que as bases se combinam aleatoriamente. Entretanto, como afirma GONÇALVES (2003, p.19), trata-se de um processo regular e passível de sistematização, visto estar subordinado a condições prosódicas, sendo “regido, sobretudo, pela semelhança fônica entre as bases”.

As mesclas lexicais podem ser reconhecidas como criações autorizadas pelas informações que se tem na memória acerca das entidades envolvidas. Ao mesmo tempo em

que traduzem uma maneira criativa de se fazer referência às entidades, objetos, eventos, ações do mundo extralinguístico, funcionam também como uma espécie de qualificação, ou melhor, uma espécie de avaliação (positiva ou negativa) do falante, com base nos elementos pertinentes à circunstância de interação. O conhecimento da situação e dos episódios do dia-a-dia é que é mais significativamente mobilizado na criação e/ou interpretação dessas novas palavras.

Por não revelar tanta produtividade, como outros processos, as mesclas são vistas por muitos autores como processos marginais. Em alguns casos, entretanto, ficam tão usuais que entram na língua, deixando até de ser percebidos como cruzamentos. É o que acontece, por exemplo, com *motel*, nome dado a estabelecimentos que alugam quartos por curtos períodos para encontros amorosos. Originalmente o *motel*, resultado do cruzamento entre *motor* e *hotel* (do inglês), é um “hotel com estacionamento para veículos motorizados, em que se tem acesso aos quartos diretamente da área em que ficam os veículos” (HOUAISS, 2002).

Há algum tempo um novo esporte, o *futevôlei*, invadiu as praias brasileiras. Trata-se de um jogo parecido com o vôlei, em que os jogadores utilizam no lugar das mãos, os pés e a cabeça, assemelhando-se ao futebol. O Houaiss registra o termo, que, por fazer parte do universo desportivo, deixa de ser expressivo.

São também dicionarizadas pelo Houaiss formas como *portunhol* – “português mesclado com palavras e elementos fonéticos do espanhol ou pretensamente do espanhol, usados por falantes de português na sua comunicação com hispanófonos, ou vice-versa”–, *sacolé* – “espécie de sorvete feito de água e xarope ou sumo de fruta, que se congela dentro de um saquinho plástico, produzindo um picolé sem pauzinho”, dentre outros.

Já os cruzamentos não dicionarizados têm enorme força expressiva pelo fato de traduzirem o ponto de vista do emissor e podem ser encontrados além da língua comum, na linguagem publicitária, nos textos e crônicas de humor e também nos textos literários.

Quando Guimarães Rosa, no conto “Fatalidade” funde os vocábulos enxada e espadachim e usa a palavra enxadachim para qualificar as mãos do herói, faz ver pelo neologismo, a personagem como um herói obscuro, cuja arma pela ingloria luta pela subsistência era a prosaica enxada. Quando Mia Couto intitula seu livro de “Estórias Abensonhadas”, está manifestando o seu ponto de vista e sua visão sobre as estórias que falam sobre a possibilidade de refazer a vida e de sonhar, escritas depois da guerra em Moçambique.

Embora considerado um processo de formação de palavras “marginal”, os cruzamentos têm sua função e podem ser sistematizadas e estudadas como um processo. Sua

principal função, ao se manifestarem no discurso concretamente realizado, é mostrar que o enunciador é capaz de revelar seus conceitos internalizados e os efeitos de sentido que pretende apresentar, por meio da criação lexical.

Mesmo que o cruzamento vocabular transite entre os dois polos de um *continuum* derivação-composição, conforme ANDRADE (2008), visto ora figurar mais próximo a composição, ora, a derivação; isso, de modo algum, compromete a sua autonomia como processo de formação de palavras. Assim, entende-se que o cruzamento vocabular possui características próprias e suficientes que o diferem da composição e da derivação, ele pode e deve ocupar um lugar demarcado entre os principais processos de formação de palavras.

Como visto, o cruzamento vocabular é um fenômeno que existe, está em uso, tem aplicabilidade no cotidiano dos usuários da língua, mas não é sistematizado. Perante essa incongruência é fundamental argumentar em favor do reconhecimento desse processo de formação de palavras e colocá-lo em nível de igualdade com os demais processos nos manuais de gramática e morfologia.

BIBLIOGRAFIA:

ALVES, I. M. *Neologismo*. São Paulo: Ática, 1990

ALVES, I.M. *Aspectos da composição nominal no português contemporâneo*. 1987. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3777>

ANDRADE, Katia Emmerick. 2013. *Proposta de um Continuum Composição Derivação para o Português do Brasil*. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa (Letras Vernáculas). Rio de Janeiro: UFRJ/ Faculdade de Letras. Disponível em: <www.lettras.ufrj.br/posverna/doutorado/Andrade, K.E.

_____. *Cruzamento vocabular*. In: GONÇALVES, C.A.(Org.) Processos “marginais” de formações de palavras. São Paulo: Pontes Editora, 2016.

_____; RONDININI, Roberto Botelho. 2016. *Cruzamento vocabular: um subtipo de composição?* Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/27231/22228>

_____;2008. *Uma Análise Otimalista Unificada para as Mesclas Lexicais do Português do Brasil*. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa (Letras Vernáculas). Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras. Disponível em: <[http://www.lettras.ufrj.br/posverna/mestrado/Andrade, K.E](http://www.lettras.ufrj.br/posverna/mestrado/Andrade,K.E)>

ANTUNES, I. *Território das palavras*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

ARAÚJO, G. A. *Morfologia não-concatenativa em Português: os portmanteaux*. Cadernos de estudos linguísticos, Campinas, (39):5-21, Jul./Dez., 2000.

BASÍLIO, Margarida. *Cruzamentos vocabulares: o fator humorfológico*. Apresentação de trabalho. Congresso. XII Congresso da ASSEL-RIO. Rio de Janeiro, 2003.

_____, *Fusão vocabular expressiva: um estudo da produtividade e da criatividade em construções lexicais*. Textos Seleccionados, XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Porto, APL, 2010, pp. 201-210

BIDERMAN, M.T.C. *O conhecimento, a terminologia e o dicionário*. 2006. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252006000200014&script=sci_arttext&tlng=pt

CORREIA, Margarita. *Neologia em Português*. São Paulo:Parábola Editorial, 2012.

FERNANDES, Gustavo. *Neologismos em Guimarães Rosa*. 2012. Disponível em: <<http://gustavofernandes.blogfacil.net/blog-b1/NEOLOGISMOS-EM-GUIMARAES-ROSA-b1-p720.htm>>

GONÇALVES, C. A. V. *Usos morfológicos: os processos marginais de formação de palavras em português*. Gragoatá, Niterói, UFF, v. 21, p. 219-242, 2006.

_____. *Processos “marginais” de formação de palavras*. (Org.). São Paulo: Pontes, 2016.

_____. *Blends lexicais em português: não-concatenatividade e correspondência*. Veredas, Juiz de Fora, v. 7, n. 1 e 2, p.149-167, 2003.

HOUAISS, A. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

LEE, S.H. *Sobre os compostos do PB*. DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, São Paulo,v.3, n.1, 1997.

MARCUSHI, L.A. *O léxico: lista, rede ou cognição social?* In: FOLTRAN, M.J.(Org.) Sentido e significação: em torno da obra de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2004.

RIO-TORTO, G. *Blending, cruzamento e fusão lexical em Português: padrões estruturais e (dis)semelhanças com a composição*. Filol. Linguíst. Port., São Paulo, v. 16, n. 1, p. 7-29, jan./jun. 2014

_____. *Caminhos de renovação lexical: fronteiras do possível*. In: Aparecida Negri Isquierdo, Ieda Maria Alves (org.), As ciências do léxico. Lexicologia, Lexicografia e Terminologia, vol.3. Campo Grande, São Paulo, Editora da Universidade Federal de Mato Grosso, Humanitas. 2007, p. 23-39.

SANDMANN, A. J. *Morfologia lexical*. São Paulo: Contexto, 1990.

VILLALVA, A. *Formação de Palavras: composição*. In: Gramática da Língua Portuguesa. Mira Mateus ET alli. Lisboa, Caminho, 2003.